

**MARIDOS**, pelo *teatromosca*

**Epílogo**



*Saí viva do fogo.*

*Estava tudo destruído.*

*O fogo tinha sido mesmo a sério?*

*Era real?*

*Depois lembro-me de voltar a entrar naquela casa, passados 20 anos. Talvez mais. Pensei em resgatar alguma coisa das ruínas. Talvez os talheres tivessem sobrevivido, não tivessem derretido. Havia cacos por todo o lado. Nem as louças podiam ser salvas.*

*No meu sonho, tínhamos erguido uma pira funerária.*

*E eu a pensar que já tinha sofrido bastante, que o meu corpo já tinha tido um fim, que aquelas chamas podiam ser o leito perfeito para o meu final, que a partir daí não voltaria a ter fome, que estaria saciada.*

*E, depois, percebi que ainda não tinha morrido, que ainda não tinha morrido, que tinha sido apenas um sonho, e que nada disto tinha funcionado, que havia um crepitar constante que se mantinha, que não se ia extinguir nunca.*

*Então, despertei e estava no chão, já não sabia bem quem era, o que eram as casas, o que eram as nuvens, o que era a água, o que eram as árvores. Aquilo parecia um outro mundo. E era tudo muito mais simples do que isto.*

*Se calhar não era bem um outro mundo, mas tinha mudado, era diferente.*

*Ainda havia o fogo, à minha volta. Talvez em cima de mim. Mas depois conseguia ouvir um rio, lá longe, o som do rio.*

*As minhas mãos cobertas de terra. Mas não que tivesse estado a trabalhar na terra. Mais como se tivesse passado dias inteiros a esgravatar, só a esgravatar na terra.*

*Não podia continuar a mentir. Tinha acabado.*

*Eu a sair do fogo, porque aquele inferno não era para mim.*

*Lembro-me de sair para caminhar. Sim.*

*Havia um jardim.*

*E eu a sair para dar um passeio. As mãos já não me doíam.*

*Queria lá saber se tinha mudado mesmo!*

*O que é que isso interessava?*

*Ainda me reconhecerias?*

*A minha vida tinha-me levado a tantos lugares.*

*Era isso que pensava agora.  
Pensava que tinha visitado sítios tão escuros.  
Na verdade, tinha sido forçada, empurrada.  
De um lado para o outro.  
À procura. À procura.  
Provavelmente, tinha sido tudo apenas uma ilusão.  
E, mesmo assim, tinha sido tudo maravilhoso.  
Lembro-me de sair para passear, como antes tinha feito nas ruas  
daquela cidade, à chuva.  
As árvores eram agora instrumentos.  
As acácias, os castanheiros, as oliveiras, os damasqueiros.  
Cordas, sopros, percussão.  
Uma orquestra a tocar para mim.  
E eu pensava apenas em como era cruel a terra. E terna.  
Um alaúde a chorar lá longe.  
A madeira escura de um violoncelo a cintilar junto a uma fonte de  
paredes caiadas.  
Os salgueiros a cantarem de novo, com aquela ternura que já  
tínhamos escutado antes.  
As folhas a caírem na água luminosa.  
E, de repente, já não havia som.  
Não me ia esquecer do teu rosto, claro.  
Os teus olhos agitados.  
Lembro-me de entrar no quarto do hotel.  
"A vida é muito estranha", pensei.  
E, depois, estava sozinha.  
Claro.  
Porque é que não devia estar?*